

# COMPASS

## Manual para a Educação para os Direitos Humanos com jovens



COUNCIL OF EUROPE



CONSEIL DE L'EUROPE

# Quem acredita

*Os Direitos Humanos são um padrão universal que faz parte de todas as religiões e de todas as civilizações.*

Shirin Ebadi

<b>Temas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Religião e crenças</li> <li>• Cultura e desporto</li> <li>• Discriminação e Intolerância</li> </ul>
<b>Complexidade</b>	Nível 3
<b>Grupo</b>	Indiferente (pequenos grupos: 4- 5)
<b>Tempo</b>	180 minutos
<b>Resumo</b>	Os e as participantes comparam e descobrem as diferenças das suas crenças
<b>Direitos relacionados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Liberdade de opinião e de informação</li> <li>• Direito à não-discriminação</li> <li>• Diversidade religiosa</li> </ul>
<b>Questões abordadas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade religiosa</li> <li>• Perceção da religião e a sua influência na vida das e dos jovens</li> <li>• Conhecimento sobre as diferentes religiões e sua relação com temas espirituais e seculares</li> </ul>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender sobre diferentes sistemas de crença e de religiões</li> <li>• Desenvolver pensamento crítico</li> <li>• Fomentar a aceitação de diferentes crenças e religiões</li> </ul>
<b>Materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cópias dos cartões (um conjunto por cada pequeno grupo)</li> <li>• Espaço confortável onde os pequenos grupos possam sentar-se e debater</li> <li>• Um facilitador ou uma facilitadora por cada pequeno grupo</li> </ul>
<b>Preparação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cortem os cartões</li> <li>• Leiam a informação sobre religião e crenças no capítulo 5</li> </ul>

## Instruções

1. Expliquem que a atividade será o debate das crenças das e dos participantes, algumas pessoas poderão ser profundamente religiosas, outras menos e algumas poderão não ter religião. O objetivo é chegar a uma compreensão mais profunda do Artigo 18º da DUDH através da partilha das visões pessoais e do pensamento crítico sobre as diferentes maneiras de dar sentido à vida.
2. Explícitem claramente que as e os participantes têm que ser responsáveis pelo que dizem e pela maneira como se expressam. Faz parte do direito à liberdade religiosa a proteção contra o insulto e o rebaixamento das crenças religiosas, bem como dos símbolos religiosos. No entanto, esta garantia não deve implicar imunidade contra a crítica e significa que a proteção deve ser equilibrada tendo em conta a liberdade de expressão e de pensamento. Por isso, é aceitável que as e os participantes sejam honestas e honestos e coloquem questões, mas o discurso motivado pelo preconceito e pela discriminação não será tolerado.
3. Dividam os e as participantes em pequenos grupos de 4-6 pessoas e peçam-lhes que reflitam individualmente durante 3-4 minutos sobre as suas crenças; por exemplo, se seguirem uma religião, quão respeitosos são das suas crenças e rituais?
4. Depois, através de um quebra-gelo, peçam às e aos participantes que falem da primeira vez que participaram numa cerimónia religiosa.



Religião e crenças



Cultura e desporto



Discriminação e Intolerância



Nível 3



Indiferente (pequenos grupos: 4- 5)



180 minutos



5. Coloquem então as cartas, viradas para baixo, no meio do grupo. Digam aos e às participantes que têm à disposição uma hora para conseguir debater o máximo de cartas possíveis. Só assim todas e todos poderão ter uma perspetiva abrangente sobre estes temas. Poderão voltar a falar dos temas que lhes suscitaram mais interesse num momento posterior.
6. Expliquem que, em cada ronda, um ou uma participante escolhe uma carta, a lê em voz alta e comenta a frase. As outras pessoas têm então oportunidade de contribuir com um exemplo da sua religião ou experiência.
7. Passem então à ronda seguinte, onde outro ou outra participante escolhe e lê alto outra carta.
8. Quando todas as cartas foram debatidas ou quando o tempo se acabar, passem para o debriefing (nos mesmos grupos).



## Debriefing e avaliação

- Sentiram dificuldades em lidar com alguma das frases? Porquê?
- Houve algum facto, crença ou atitude em relação à vossa vida que vos tenha surpreendido?
- O que é que havia em comum apesar das diferentes visões perante a vida?
- Que diferenças fundamentais foram identificadas em relação às visões que têm na vida? São diferenças irreconciliáveis?
- Por que razão é importante saber as visões das outras pessoas perante a vida? Quão pouco sabemos sobre isso? Acham que deveríamos saber mais?
- Tendo em conta que a liberdade de religião e de crença é um Direito Humano, quão fácil é respeitar se discorda profundamente de algo da visão do mundo e da vida de outras pessoas?
- De que maneira a ignorância e o preconceito sobre as várias visões perante a vida influenciam a perceção que temos das outras pessoas?
- Toda a gente tem liberdade de crença e de religião no vosso país? Porque sim ou porque não? De que formas se viola o direito à liberdade religiosa e de crença no vosso país?
- Até que ponto a liberdade de pensamento, de consciência e de religião deve permitir práticas diferentes numa comunidade religiosa que poderão divergir do que acontece numa sociedade mais abrangente? Podem contar-se entre os exemplos a posição sobre mulheres em funções religiosas de liderança, cerimónias tradicionais que envolvam crianças, leis sobre o batismo, divórcio ou o enterro, proibição de imagens, etc
- O que se deve ter em consideração quando se planeia um evento para um grupo como um todo, por exemplo, um picnic, um evento desportivo ou uma formação residencial para que toda a gente esteja incluída, independentemente da sua religião ou crença?
- Há ocasiões, aquando da organização de um evento, em que é difícil atender às necessidades de todos e de todas, de acordo com a sua religião e crenças. Como se podem encontrar soluções? Se tem de existir compromisso, como se criam prioridades acerca das necessidades das pessoas?
- Qual foi a aprendizagem mais interessante nesta atividade?



## Dicas para a equipa de facilitação

Esta atividade lida com um tema sensível por isso é importante que todos e todas se sintam confortáveis. Implementem a atividade de uma maneira bem-disposta, um ambiente relaxado ajuda. Tenham a certeza de que os e todas as participantes percebem que não estão sob pressão para dizer ou explicar o que quer que seja, mas apenas aquilo que querem ou sentem que podem expressar.

Respeitem as limitações e as contribuições das e dos participantes: nem toda a gente é capaz de explicar a razão de esta ou daquela questão na religião, especialmente se tivermos sido educados e educadas numa determinada religião desde sempre. A este respeito, a religião e a cultura são muito semelhantes: tendemos a assumir os valores e padrões culturais como sendo “naturais”.

Tenha cuidado com a pressão entre pares. Não deixem que as e os participantes se coloquem numa posição defensiva sobre as suas crenças e religião, por exemplo, dizendo “como é que podes ser dessa religião e aceitar...?”

Tentem não entrar em demasiado detalhe. Estejam atentos e atentas às cartas por virar para tentarem garantir que terão tempo para passar pela maioria delas. Deixem que o debate se desenrole naturalmente e intervenham apenas quando sentirem que a questão já foi esgotada ou quando acharem que se corre o risco de se ir longe de mais ou quando surge uma atitude de “domínio”.

Estejam preparadas e preparados para contribuir com informação, especialmente sobre religiões não representadas no grupo ou para serem o “advogados e advogadas do diabo”.

Se for possível, façam esta atividade com uma pessoa a facilitar cada pequeno grupo, para liderar o debate e o debriefing. Se não tiverem membros da equipa suficientes, podem pensar em voluntárias e voluntários de entre o grupo para vos ajudarem. Esta questão pode ser importante, dependendo do grupo, de maneira a garantir que a opinião e experiência de todos e de todas são respeitadas e para ter a certeza de que o debriefing é construtivo. Se não existir a possibilidade de ter uma pessoa a facilitar em cada grupo, garantam que a avaliação é feita em plenário com todos os e todas as participantes.

A fé, por definição, não pode ser explicada por argumentos racionais e devem tentar limitar as tentativas de desafiar a religião com argumentos racionais. Talvez seja preciso sublinhar que é importante respeitar que todas e todos têm liberdade de pensamento, de consciência e de religião o que não implica que se tenha de respeitar aquilo no que as outras pessoas acreditam, mas tem de se respeitar o direito de toda a gente a acreditar no que quiser. Lembrem-se de que o desenvolvimento do pensamento crítico é um objetivo importante da EDH e de que a comparação de várias visões do mundo ajudará as pessoas a terem noção de que a liberdade de pensamento não invalida as escolhas das outras pessoas. Através desta atividade de debate espera-se que os e as participantes entendam que as suas escolhas não são absolutas, mas sim relativas, e que se apercebem de que todas as tradições e religiões têm pontos fracos e fortes. O fanatismo religioso e a intolerância nascem normalmente de pensamentos seletivos e restritivos e da rejeição do pluralismo. Não existem religiões monolíticas e não existe uma narrativa representativa ou superior às outras no que respeita às tradições religiosas.

## Variações

Se implementaram a atividade em vários pequenos grupos, é boa ideia acabar com uma sessão em conjunto. Por isso, antes de os grupos se separarem e voltarem ao plenário, peçam aos grupos que pensem nas seguintes questões e estejam preparados para relatar em plenário sobre:

- Exemplos de ignorância e preconceito sobre tradições religiosas e não-religiosas no vosso país.
- O que se pode fazer para reduzir a ignorância e o preconceito?

## Sugestões para o seguimento

Se fizeram esta atividade com um grupo onde só uma religião é representada, há muito espaço para aprofundar o debate. Podem ir a [www.religioustolerance.org](http://www.religioustolerance.org) e copiar a lista de religiões e religiões não-teístas bem como de grupos étnicos. Perguntem ao grupo o que sabem sobre estes grupos e as suas religiões ou visões sobre a vida.

Poderão querer explorar a história do desenvolvimento de diferentes religiões fazendo uma cronologia. Vejam as variações na atividade “Cronologias”, na página 303.

Paulo Freire disse “Educar é acreditar na mudança”. Se o grupo quiser debater o que é a educação e como responde, ou não, às necessidades das pessoas, poderão interessar-se pela atividade “Que todas as vozes sejam ouvidas”, na página 207.

### DATA IMPORTANTE



**16 de Novembro**  
Dia Internacional  
da Tolerância





## Ideias para agir

Dependendo do contexto, poderá ser interessante visitar um centro comunitário ou religioso de outra religião que não a da maioria dos e das participantes bem como contactar grupos juvenis para organizar potenciais ações comuns que podem incluir:

- Um evento no dia dos Direitos Humanos (10 de dezembro)
- Convites mútuos por ocasião de celebrações/festivais religiosos importantes
- Ações conjuntas em favor das pessoas em situação de pobreza



## Mais informações

O Artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que “Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos”.

Nesta atividade, e para incluir o número máximo de sistemas religiosos, usámos a definição de religião do [www.religioustolerance.org](http://www.religioustolerance.org): “A religião é qualquer sistema de crença específico sobre deidades, que inclui com frequência rituais, códigos de ética e uma filosofia de vida”. O termo “religião” refere-se quer às práticas pessoais relacionadas com a fé comum e com rituais de grupo, quer à comunicação que nasce de crenças partilhadas. As alternativas à religião incluem o ateísmo, o ceticismo, o pensamento livre e o humanismo.

Nesta atividade, focamo-nos na “Liberdade de pensamento, consciência e religião”, ou seja, no direito de seguir ou não uma religião, de acordo com as nossas escolhas pessoais. Assim, usámos a expressão “visão perante a vida” como uma expressão que inclui as religiões e as alternativas à religião, sem discriminação. Por “visão perante a vida” entendemos o enquadramento de ideias que nos ajudam a perceber o mundo e a encontrar significado e valor na vida. Muitas destas posições são claramente religiosas, por exemplo, o cristianismo, o hinduísmo e o islamismo. Algumas posições perante a vida não são religiosas, como o materialismo dialético de Karl Marx e de quem o segue, o objetivismo de Ayn Rand e o humanismo. Outras posições perante a vida, como o budismo e o confucionismo, têm tradicionalmente sido classificadas como religiões mas muitas pessoas não concordam com esta categorização e afirmam que estas crenças não incluem deidades, sendo o budismo e o confucionismo, assim, consideradas filosofias. O conceito de “visão perante a vida” inclui todas estas opções.

Há vários sites na internet que têm disponível informação básica e fácil de ler sobre a maioria das fés no mundo, por exemplo, na United Religions Initiative ([www.uri.org](http://www.uri.org)) e na Ontario Consultants on Religious Tolerance ([www.religioustolerance.org](http://www.religioustolerance.org)).

Esta atividade foi desenvolvida tendo por base a atividade “Believers” no manual Mosaic, no T-Kit do euro-mediterrâneo sobre youth work, no âmbito da parceria entre a Comissão Europeia e o Conselho da Europa e a sua direção de juventude.

## Fichas

Temos uma cerimónia especial para iniciar as crianças na nossa visão perante a vida.	Temos cerimónias e normas específicas para enterros e funerais.
Os homens e as mulheres têm funções e papéis diferentes na nossa visão perante a vida, por exemplo, no que concerne a possibilidade de liderar cerimónias.	Temos momentos específicos no calendário para jejum.
Há crimes e discriminações que foram, ou são, cometidos em nome da minha visão perante a vida.	Somos ensinados e ensinadas a ajudar as pessoas em situação de pobreza e quem precisa.
Temos uma visão específica sobre a homossexualidade.	Usamos símbolos ou roupas especiais.
A nossa visão perante a vida tem normas morais específicas e regras sobre o casamento e a sexualidade.	Temos uma visão específica sobre o aborto.
A nossa visão perante a vida baseia-se em livros ou escritos sagrados.	Acreditamos no valor da vida como o bem mais precioso.
A nossa visão perante a vida ensina a tolerância perante outras religiões e fés.	A nossa visão perante a vida foi profundamente moldada por profetas, que reconhecemos como sendo mensageiros de mensagens divinas.
Acreditamos na vida após da morte e no julgamento final.	Temos festivais importantes que são feriados nos nossos países.
Pagamos tributo às pessoas mortas pelo menos uma vez por ano e visitamos cemitérios.	Temos o nosso próprio calendário, com frequência diferente do calendário civil. O nosso ano novo não começa a 1 de janeiro.
Organizamos escolas e aulas onde as crianças aprendem sobre a nossa visão perante a vida.	Acreditamos que a vida não é sobre as coisas materiais, mas tem uma dimensão espiritual essencial.
Temos as nossas histórias sobre como o mundo foi criado.	Temos determinada visão sobre com quem devemos ou não casar.
A nossa posição perante a vida ensina-nos não só sobre questões espirituais como também sobre a maneira como a sociedade deveria funcionar.	Somos muitas vezes mal interpretados e interpretadas e discriminados e discriminadas.
Rezamos várias vezes por dia.	Temos um dia da semana em que não devemos trabalhar, e em que devemos fazer parte de uma cerimónia especial de celebração da nossa fé.
Acreditamos que temos uma relação especial com o criador.	Controlamos as nossas próprias vidas.
Acreditamos que o significado e o propósito da vida é uma busca criativa constante.	O amor é um ensinamento essencial da nossa posição perante a vida.
A nossa posição perante a vida dá-nos um enquadramento ético e valores morais que estão claramente definidos.	Espiritualmente, a sensação de maravilha por fazermos parte de algo maior do que nós é alcançada através dos rituais da nossa posição perante a vida.

**O**s Direitos Humanos não podem ser defendidos apenas através de medidas legais; têm de ser protegidos e salvaguardados por todos e todas, incluindo pelos e pelas jovens. A melhor maneira de respeitar e de dar o merecido valor aos Direitos Humanos é conhecendo-os, defendendo-os e aplicando-os na nossa vida.

O COMPASS fornece ideias concretas e atividades práticas a facilitadores e facilitadoras de Educação Não Formal, bem como a professoras e professores com interesse na Educação para os Direitos Humanos. Destina-se a profissionais ou a pessoas voluntárias que pretendem envolver e motivar as e os jovens para aprender, viver e agir para os Direitos Humanos. O COMPASS promove uma perspetiva abrangente da Educação para os Direitos Humanos e vê nos e nas jovens agentes de uma cultura de Direitos Humanos.

O COMPASS é uma ferramenta prática e um recurso para a Educação para os Direitos Humanos e a Cidadania. É um companheiro essencial para quem tem interesse em que a Educação de Direitos Humanos se torne uma realidade para toda a gente.

Esta edição do COMPASS em Língua Portuguesa baseia-se na edição do Conselho da Europa de 2012, incluindo também as revisões e atualizações de 2015. Esta edição foi desenvolvida pela Dínamo – Associação de Dinamização Sócio-Cultural no âmbito do projeto “We Stand for Human Rights!”, cofinanciado pelos EEA Grants (Noruega, Islândia e Liechtenstein), através do Programa Cidadania Ativa, gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian.



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN  
CIDADANIA ATIVA



POR

[www.coe.int](http://www.coe.int)

O Conselho da Europa é a principal organização de defesa dos Direitos Humanos no continente. Tem 47 Estados-membros, 28 dos quais são também membros da União Europeia. Todos os Estados-membros do Conselho da Europa assinaram a Convenção Europeia dos Direitos Humanos, um tratado que visa proteger os Direitos Humanos, a Democracia e o Estado de Direito. O Tribunal Europeu dos Direitos Humanos controla a implementação da Convenção nos Estados-membros.

[www.dinamo.pt](http://www.dinamo.pt)  
ISBN 978-989-99443-1-2

COUNCIL OF EUROPE



CONSEIL DE L'EUROPE